



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA.**

ANDRÉ COSTA FERNANDES

**O ENSINO RELIGIOSO NA FORMAÇÃO DA ÉTICA E DA
MORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL :Análise na Escola de
Educação Infantil Prof.^a Irene Brelaz em Jacareacanga – Pará.**

ITAITUBA/ PA
2018

ANDRÉ COSTA FERNANDES

**O ENSINO RELIGIOSO NA FORMAÇÃO DA ÉTICA E DA
MORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Análise na Escola de
Educação Infantil prof.^a Irene Brelaz em Jacareacanga – Pará**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

ITAITUBA/ PA
2018

FERNANDES. André Costa.

O Ensino Religioso na Formação da Ética e da Moral na Educação Infantil: Análise na escola de educação Infantil Prof.^a Irene Brelaz em Jacareacanga – Pará. CLPL da FAI, 2017: CLPL da FAI, 2017.

55 fls

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba- Pará- BR-PA, 2017.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

1 Educação Religiosa. Ética. Moral. Educação Infantil. I. CRUZ. Lucia Maria da Costa. Faculdade de Itaituba- BR- Itaituba-Pará, 2018.



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI: fai@unifait.edu.br

Av. Dr. Governador Fernando Guilhon, 4^a. Rua
Cidade Alta, Bairro Jardim das Araras
68180-110 - Itaituba-Pará.
Telefone (93)3518-4320/Fax:(93)3518-4319.Site:www.unifait.edu.br/E-mail:
fai@unifait.edu.br

ACADÊMICO: ANDRÉ COSTA

**O ENSINO RELIGIOSO NA FORMAÇÃO DA ÉTICA E DA MORAL NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISE NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL
PROF.^a IRENE BRELAZ EM JACAREACANGA – PARÁ**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz,
Esp.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ **Nota:** _____

Prof. Dr. Francisco Claudio da Silva Sousa

Orientadora: _____ **Nota:** _____

Prof.^a Lúcia Maria da Costa Cruz, Esp.

Avaliador: _____ **Nota:** _____

Prof.^a Benildete Duarte Gomes

Resultado: _____ **Média:** _____

Data: 04 de Agosto de 2018

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso a Deus, e especialmente à minha família, cuja força e amor vem me guiar todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, nosso Pai Celestial, pela força e coragem para vencer e chegar a esta vitória.

À minha família que foi a essência e a base para que eu tivesse êxito ; em especial à minha mãe Lóidi Santos Costa, ao meu pai Erasmo Carlos Fernandes Moura e meus irmãos Daniel Costa e Gideão Costa.

À minha orientadora Lucia Maria da Costa Cruz, que sempre me apoiou sempre que eu precisei.

Ao prof. Dr. Francisco Claudio da Silva Sousa, professor e coordenador do curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba, pela dedicação e empenho para que todos tenham sucessos.

Enfim, a todos que direta e indiretamente contribuíram para a realização deste meu projeto profissional.

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se precisam, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar”

Nelson Mandela

RESUMO

O presente trabalho, intitulado “O Ensino Religioso na formação da ética e da moral na educação infantil”, abordou o ensino religioso na formação da ética e da moral para a criança, objetivou analisar as concepções dos professores em relação à disciplina Educação religiosa, na EMEI profa. Irene Brelaz no município de Jacareacanga-Pará. Foi desenvolvido com pesquisa bibliográfica e de campo, enfatizando a abordagem qualitativa, através de questionário para entrevistas a cinco professores, que trabalham a modalidade Educação Infantil na escola, em junho de 2018. Para obter-se os resultados, utilizou-se da coleta e a análise de dados, com as devidas discussões e comentários, como também as propostas contribuintes para um melhor dos docentes ao ministrar a disciplina e a conclusão, com as referências bibliográficas, que embasaram teoricamente o trabalho. Constatou-se que os professores trabalham a educação religiosa de forma geral, que a religião contribui para a formação de valores éticos e morais da criança; e forma o caráter, preparando o sujeito para a vida em sociedade e mais humana. Percebeu-se também que as metodologias utilizadas para as aulas de ensino religioso, consistem em cantigas, histórias e atividades que proporcionam o prazer para as crianças.

PALAVRAS- CHAVE: Educação Religiosa, Ética. Moral. Educação infantil.

ABSTRACT

The present work, entitled Religious Education in the formation of ethics and morals in early childhood education, addressed religious education in the formation of ethics and morals for the child, aimed to analyze the conceptions of teachers in relation to religious education, in the EMEI profa . Irene Brelaz in the municipality of Jacareacanga-Pará. It was developed with bibliographical and field research, emphasizing the qualitative approach, through a questionnaire for interviews to five teachers, who work the Infantile Education modality in the school, in June of 2018. To obtain the results, was used the collection and the analysis of data, with the necessary discussions and comments, as well as the proposals contributing to a better patient in administering the discipline and the conclusion, with the bibliographical references, that theoretically supported the work. It was found that teachers work in general religious education, that religion contributes to the formation of ethical and moral values of the child; and forms the character, preparing the subject for life in society and more human. It was also noticed that the methodologies used for religious teaching classes consist of songs, stories and activities that provide the pleasure for the children.

KEY WORDS: Religious Education, Ethics. Moral. Child education.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Para você, o que é a educação religiosa na escola?.....	39
QUADRO 2	Fale sobre sua experiência de trabalhar a educação religiosa na escola?.....	40
QUADRO 3	Quais metodologias você utiliza para ministrar a educação religiosa em sua sala de aula?.....	41
QUADRO 4	A educação religiosa proporciona a ética e a moral? Como isso acontece?.....	42
QUADRO 5	Do seu ponto de vista, quais os benefícios que a educação religiosa proporciona ao aluno?.....	43
QUADRO 6	A questão religião interfere na convivência dos pais na escola? Justifique a sua resposta.....	44
QUADRO 7	Na escola, a educação religiosa é disciplina facultativa. Do seu ponto de vista, é importante ou desnecessária esta disciplina para o currículo do aluno, já que trabalha a ética e a moral?.....	45
QUADRO 8	Sabe-se que o Brasil é um país laico, onde não há uma religião oficial. Como a escola lida com as diferenças religiosas?.....	46
QUADRO 9	Do seu ponto de vista, o que sustenta a religião de uma criança na escola?.....	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 ABORDAGEM GERAL DO ENSINO RELIGIOSO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	14
1.1 PANORAMA GERAL SOBRE O ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL.....	14
1.2 PRINCÍPIOS ÉTICOS E MORAIS DA EDUCAÇÃO RELIGIOSA NO BRASIL.....	17
1.3 ENSINO RELIGIOSO: ASPECTOS CONCEITUAIS E DISCIPLINA CURRICULAR NA ESCOLA.....	21
2. EDUCAÇÃO RELIGIOSA: UMA REFRÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO.....	28
2.1 A ESCOLA, A FAMÍLIA E A RELIGIÃO: CONTEXTOS DIVERSIFICADOS.....	28
2.2 METODOLOGIAS UTILIZADAS PARA AULAS DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA....	30
2.3 A EDUCAÇÃO RELIGIOSA NO ESPAÇO ESCOLAR E OS CONFLITOS RELIGIOSOSFAMILIARES.....	34
3. O ENSINO RELIGIOSO NA FORMAÇÃO DA ÉTICA E DA MORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISE NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL PROF.^a IRENE BRELAZ EM JACAREACANGA – PARÁ.....	37
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	37
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	38
3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS	38
3.4 ANÁLISE DA PESQUISA COM OS PROFESSORES.....	38
3.5 PROPOSTAS CONTRIBUÍNTES.....	47
CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS	49
ANEXOS	52

INTRODUÇÃO

É indiscutível que existem postulados teóricos e científicos que atestam e comprovam a importância da Religião na vida dos indivíduos, uma vez que quando amparados pela força da fé, as pessoas conseguem ir além de seus limites, sendo capazes de evoluírem e transformar a vida em algo desafiador e de muitas vitórias. Nessa perspectiva, observa-se que apesar de sua extrema importância, o Ensino Religioso, quando realizado inadequadamente por pessoas sem formação acadêmica ou treinamento pedagógico, tira dos alunos a oportunidade de caminharem além da esfera das questões dogmáticas e denominacionais, fazendo-os não experimentar a real contribuição desse ensino para a formação na vida como um todo.

Este estudo realizado na Escola Municipal de Educação Infantil Professora Irene Brelaz em Jacareacanga – PA, realizada em Junho de 2018, objetivou analisar a necessidade do ensino religioso para a formação dos valores éticos e morais da criança. Foi necessário um estudo bibliográfico com autores renomados que trabalham a temática e uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, com aplicação de questionários em forma de entrevista a cinco professores da instituição. A seguir, a coleta e a análise dos dados com as devidas discussões e comentários, propostas contribuintes para trabalhar a questão da educação religiosa nas escolas.

Constatou-se, por meio dessa pesquisa que a escola trabalha a educação religiosa não como dogma ou doutrina, mas considerando a formação do caráter, os valores éticos e morais; e o comportamento e a personalidade dos alunos, tornando um ensino produtivo e proveitoso para a formação de adultos íntegros e idôneos.

O referido trabalho foi estruturado em três capítulos distintos, onde o primeiro faz uma abordagem geral do ensino religioso na educação infantil; ressalta os princípios éticos e morais da educação religiosa no Brasil, o ensino religioso e os aspectos conceituais; como também a ética e moral: a religião na atualidade como disciplina curricular na escola.

O segundo capítulo, traz educação religiosa como uma referência para a educação; e uma explanação da escola, a família e a religião em contextos

diversificados. As metodologias utilizadas para aulas de educação religiosa. E a educação religiosa intermediada pelas família e ou conflitos religiosos.

O terceiro capítulo trata da pesquisa em si com a caracterização da escola, os procedimentos metodológicos, perfis dos entrevistados, a coleta e análise da pesquisa com discussões e comentários; com as propostas contribuintes, a conclusão e os referenciais bibliográficos utilizados para p embasamento de referido trabalho.

1 ABORDAGEM GERAL DO ENSINO RELIGIOSO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

1.1 PANORAMA GERAL SOBRE O ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL

O ensino religioso passou por diversos momentos e fases, tanto no diz respeito ao conteúdo como à metodologia. Ao longo da história, seu conceito tem sido construído historicamente e é fruto de diversas transformações culturais e políticas pelas quais o Brasil passou ao longo do tempo.

Conforme os postulados de Maciel (2008, p. 4), assim que os portugueses chegaram ao Brasil, iniciou-se o processo de catequização dos índios. O primeiro grupo de jesuítas chegou à colônia brasileira em 1549, na mesma época em que desembarcou o Governador-Geral Tomé de Sousa. Estes jesuítas eram chefiados pelo padre Manoel da Nóbrega, que se tornou o primeiro provincial da província jesuítica brasileira, em 1553, permanecendo no cargo entre 1549 a 1559, e foi substituído por Luís da Grã, que permaneceu no cargo até 1569.

Nesse contexto, tanto jesuítas com procedimentos educacionais, quanto os portugueses que vieram para a colônia brasileira interessados em novas conquistas e riquezas, foram fundamentais na estruturação social administrativa e produtiva da sociedade em formação. Assim, o projeto educacional jesuítico não era apenas um projeto de catequização, mas sim um projeto bem mais amplo, um projeto de transformação social, pois tinha como função propor e implementar mudanças radicais na cultura indígena brasileira. Ou seja, “era um projeto de transformação social, pois tinha como função propor e implementar alterações profundas na cultura indígena brasileira”. (MACIEL, 2008, p. 3).

De acordo com Caetano (2006), após uma longa permanência na colônia brasileira, a Companhia de Jesus tornou-se um empecilho aos projetos do Marquês de Pombal, que na época era o Primeiro Ministro do rei D. João I. Pombal, movido pelas ideias iluministas, intencionava distanciar o Estado da religião e tornar a Educação laica, isto é, tornar a educação um atributo do Estado luso.

Ademais, o Primeiro Ministro português buscava definir as fronteiras no sul do Brasil e para isso precisava utilizar os indígenas nas lutas pela definição das fronteiras. Como os jesuítas, por meio de suas missões, impediam o livre acesso da coroa aos indígenas, tornou-se urgente a ruptura com a Companhia de Jesus.

Além disso, outro fator que motivou a expulsão dos jesuítas era o comércio das drogas do sertão no norte da Colônia. Este comércio estava sob o controle dos

padres da Companhia que, por sua vez, não se sujeitavam a nenhuma tributação. O Estado português desejava acabar com o monopólio desta atividade extrativista e, para isso, seria necessária a expulsão dos jesuítas.

Por fim, o Marquês de Pombal ambicionava tirar seu país do isolamento e também modernizá-lo em relação às outras nações europeias. De acordo com Maciel,

As causas de expulsão dos jesuítas do Brasil podem ser categorizadas: políticas e ideológicas – a companhia de Jesus tornara-se um empecilho aos interesses do Estado Moderno, além do que era detentora de grande poder econômico, cobiçado pela coroa portuguesa; e educacional – as transformações sociais advindas do movimento iluminista e dos princípios liberais requeriam a formação de um novo homem, o homem burguês, o comerciante, e não mais o homem cristão (Maciel, 2008, p. 7).

Assim quando os Jesuítas foram exoulsos por Pombal provocou um vazio no que se refere ao ensino escolar na colônia brasileira. Para Ferreira (2005, p. 94), “com a expulsão dos Jesuítas em 1859, a educação brasileira passou por um período difícil, permanecendo poucos estabelecimentos de instrução”. Segundo o autor, após um período de treze anos foram instituídas as aulas de disciplinas isoladas: as aulas régias, as quais foram oferecidas em toda colônia, sem condições de funcionamento e sem alunos, já que na colônia não havia professores preparados para assumir as turmas e o modelo econômico era agroexportador.

Historicamente, o Ensino Religioso tem sido inserido na educação nacional por meio das relações desenvolvidas entre o Estado e a Igreja Católica. Relações essas que desconsideram as culturas presentes na nação brasileira, como por exemplo, as religiões de matriz africana, indígena, mulçumana e outras. Relacionado a isso, Caetano(2006) afirma que:

Nos três primeiros séculos da história do Brasil nos quais império e igreja unem-se para promover uma ação colonizadora, que desconsiderou as culturas dos africanos e indígenas, visando tanto à explosão de riquezas, quanto a propagação do Evangelho. (CAETANO, 2006, p. 1).

Dessa maneira, observa-se que a constituição de 1824 vemos um Estado monárquico e confessional. Com a queda do regime monárquico e a instauração da república em 1889, ocorreu a abertura para um novo cenário no Estado brasileiro. A laicidade passa a ser defendida na sociedade e no campo educacional, pelo fato de estar a República baseada sobre os princípios positivistas.

Mesmo a laicidade do Estado sendo questionada pela igreja, a constituição de 1891 legitimou a separação entre as referidas instâncias. A partir dessa separação, os exercícios de cultos e de crenças passaram a ser livres na rede pública de ensino.

[...] a constituição se laiciza, respondendo à liberdade plena de culto e a separação da igreja e do Estado (conforme a constituição “provisória”) e põe o reconhecimento exclusivo pelo Estado do casamento civil, a secularização dos cemitérios e finalmente determina a laicidade nos estabelecimentos de ensino mantidos pelos poderes públicos (CAETANO; CURY, 1996, p. 76).

Na concepção de Lopes (2011), no que tange ao Ensino Religioso, há certa confusão, entre os religiosos em geral quanto aos conceitos de Ensino Religioso, Educação Teológica e Educação Cristã. O que reforça ainda mais a necessidade de se separar o E.R da Educação teológica, uma vez que o primeiro busca refletir sobre o fenômeno religioso a partir das ciências humanas (sociologia, psicologia, antropologia, história etc.), sem compromisso com dogmas ou práticas rituais, e a segunda tem seu foco de ensino no conjunto de conceitos teológicos comprometidos com certas expressões religiosas e com a ação proselitista. Lopes completa:

O Ensino Religioso por sua vez não permite proselitismo, em razão disso, distingue-se da educação cristã ou educação denominacional. Sua proposta é pontuar a relevância dos princípios e valores das religiões na construção de uma sociedade melhor (LOPES, 2011, p. 11).

Outro momento histórico a ser analisado é o período da Ditadura Militar. A história da nação brasileira ficou marcada pelo período político em que os militares conduziram o país por meio de vários atos inconstitucionais, fizeram uso da prática da censura, a perseguição política, a suspensão de direitos constitucionais, a inexistência da democracia e a repressão aos que se mostravam contrários ao regime militar. Em relação a esse período Rezende fala:

A ditadura militar que vigorou no Brasil de 1964 a 1984, foi um período marcado por momentos de extremo autoritarismo, violência, repressão e por diversos outros meios de manter o regime. Compreender o conjunto de interesses e valores dos segmentos sociais que faziam parte do poder, naquele momento, é fundamental para entender como vários mecanismos autoritários, que buscavam o controle e o consenso da população (REZENDE, 2001, p. 1).

Por ser período militar, o caráter facultativo não era uma realidade, pois o próprio contexto de ditadura suprimia a liberdade de escolha dos indivíduos.

Portanto, há que se duvidar que alunos tivessem a opção de não frequentar as aulas de Ensino Religioso e que este estivesse livre do proselitismo, uma vez que, nesse contexto, a Igreja Católica exercia uma influência significativa na vida política. Um exemplo é o apoio que a própria Igreja Católica deu ao golpe de 1964. Atualmente considera-se que:

O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo (BRASIL, 1996).

Levando em conta a LDB/96 e a CF/88, entende-se que, ao se inserir e se discutir o currículo do Ensino Religioso no âmbito escolar, faz-se necessário que seu expositor esforce-se por ser fiel ao conteúdo, deixando de lado seus pressupostos religiosos para não incorrer em partidarismo de uma religião específica, causando constrangimento aos membros de outras.

1.2 PRINCÍPIOS ÉTICOS E MORAIS DA EDUCAÇÃO RELIGIOSA NO BRASIL

Em consonância com Monte, Carmo e Santos (2015), para se falar sobre a questão do fenômeno religioso e dos espaços dedicados ao seu ensino, é preciso ter em mente que estes estão presentes na vida do ser humano em todos os seus aspectos, desde as questões mais simples às mais complexas. Assim, considera-se que o ensino religioso contribui para a formação do indivíduo no âmbito ético, cultural, ambiental, físico, sexual, entre outros.

Essa temática está presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Religioso (2001), os quais reconhecem a relevância da religião para a formação do educando. Para Bonome (2006, p. 44) “ensinar religião é ensinar a viver. Ensinar a sonhar, abstrair, esperar, suportar, revoltar, acordar, e tantas outras coisas que compõem o sentimento religioso”. O autor diz ainda que

Ensinar a religião é tarefa árdua, mas é simples, basta contar a vida, de valores éticos, de respeito ao próximo, de respeitar a si mesmo, de preservar a vida, o ecossistema, de recordar a história, de construir utopia, de impulsionar o progresso, de evoluir (BONOME, 2006, p. 44 e 45).

Para o autor, trabalhar adequadamente o Ensino Religioso proporciona aos estudantes momentos de reflexão sobre questões relacionadas à ética, alteridade e

modos de ser e viver no mundo, que se expressam e se evidenciam por meio das ações e construções históricas do homem na sociedade.

Segundo Bonome (2006), a religião é um fenômeno que atua na sociedade diretamente pelas atitudes e indiretamente pelas construções do imaginário. “Ética e prática, a prática se faz a partir de princípios em que se acredita, até mesmo por questão de sobrevivência”. (2006, p. 96).

A espécie humana é a única com inteligência e consciência suficiente que permite a capacidade de planejar, executar e acompanhar todas as situações de sua vida. A partir desta capacidade, surgem os erros e os acertos que geram as grandes transformações do mundo. Ainda que muitos homens considerarem-se autosuficientes, são a única criatura que necessita receber educação, ser ensinado, orientado e participar do conhecimento e experiências de outros para garantir a sobrevivência física, espiritual e social.

Assim, conforme o tempo passa cronologicamente, e ele, como indivíduo, cresce e desenvolve sua autonomia e identidade, principalmente através da educação recebida, necessita adquirir discernimento para tomar suas decisões¹. Com isso, a evolução da espécie humana e o desenvolvimento de cada povo, torna-se possível através da educação recebida por cada membro dele, pois a educação contribui para a evolução do indivíduo, que, por consequência, produz a evolução do coletivo.

Conforme Lopes (2011,p.12) a palavra ética é derivada do grego *ethos*, que indica um “conjunto ordenado dos princípios, valores e das motivações últimas das práticas humanas, pessoais e sociais” Faz também, um indicativo ao caráter e ao modo de ser de uma pessoa ou uma sociedade, definindo assim, o perfil delas. Conforme o escritor Leonardo Boff, pode-se fazer a seguinte definição:

Assim,a ética é parte da filosofia. Considera concepções de fundo a cerca da vida, do universo, do ser humano e de seu destino, estatui princípios e valores que orientam pessoas e sociedades. Uma pessoa é ética quando se orienta por princípios e convicções. Dizemos, então, que tem caráter e boa índole.

Analisando a citação anterior, a palavra ética pode ser definida como o julgamento entre fazer o certo ou o errado, conforme as convicções e princípios internos do indivíduo, ou seja, de acordo com a sua crença e não pelas convenções sociais estabelecidas. Porém, o “correto” pode ter vários pontos de vista, como o que seria o correto para a legislação, o que seria o correto para a sociedade em que se

vive e o que seria o correto para o indivíduo como pessoa. O filósofo alemão Emanuel Kant apresenta em suas teorias a ideia de que a ética não deve seguir um ponto fixo, como por exemplo, a legislação, mas que ela exige discernimento na tomada da decisão.

Kant faz referência também a uma comunidade ética em que o indivíduo procure tomar suas decisões visando o bem comum do grupo e com um dever de índole particular, embora cada um mantenha o seu dever privado, existe uma concordância entre todos, visando a ordem e o bem comunitário¹⁴. O legislador desta comunidade deve ser alguém que entenda os seus deveres e o que se passa com os demais integrantes, proporcionando a cada um deles um líder com o espírito ético. Este seria o conceito de Deus como soberano moral do mundo. Por isso, a comunidade ética pode ser vista como uma comunidade sob mandamentos divinos, como um povo de Deus que está de acordo com leis de virtude. Assim, uma lei formulada por um líder humano, se atender aos desejos e objetivos divinos, poderá ser aplicada como algo correto por ter fim social.

Considerando a ética cristã, os princípios e valores do indivíduo são norteados pelo cristianismo, tendo a fé e a aceitação da palavra de Deus através do Cristo como princípio para que o cidadão tome suas decisões de forma ética dentro da comunidade, simplesmente pela consciência de que graça e ação estão associadas uma a outra, entendendo que não existe fé sem boas obras, assim como não existem boas obras sem fé.

O teólogo polonês Dietrich Bonhoeffer, que desenvolveu uma teologia mais ética do que dogmática, trabalhou na redação de uma obra sistemática publicada postumamente por Eberhard Bethge¹⁶ em 1949, intitulada como Ética, faz a seguinte colocação sobre a ética:

A ética não pode ser uma ética dos princípios ou das normas, que é preciso primeiro formular e fixar para depois aplicar e estender à realidade. O objetivo da ética não é o conhecimento do bem e do mal, baseado em princípios e normas e sim o discernimento da vontade de Deus em vista da ação concreta.

Desta forma, não existem meios termos ou uma obrigação ditadora em relação a ética cristã, pois os mandamentos divinos são claros e serão atendidos de forma plena apenas se o indivíduo tiver consciência que deve aplicá-lo por convicção, por amor e respeito a Deus, tendo a palavra como valor em sua vida e não porque alguém ou algum grupo está lhe dizendo que deve ser assim.

Desse modo, “o ponto de partida da ética cristã, não é um princípio ou uma norma, mas o fato da reconciliação do mundo com Deus realizada em Cristo”, já que Cristo não veio ao mundo simplesmente para entregar aos homens programas éticos ou religiosos com a finalidade de que o mundo seja configurado nessas bases, “mas con-figura a si e a Igreja, e na Igreja os cristãos, como uma nova humanidade, a fim de que por meio deles aconteça a con-figuração do mundo a Cristo”. (RESENDE, 2011).

A vida na ética deve ser vivida dentro da responsabilidade por seus atos e escolhas, tendo a percepção de que cada “sim” e cada “não” que o indivíduo profira sempre terá um efeito no mundo e para que a consequência dele não vire algo negativo, a escolha por este “sim” ou por este “não” deve ser consciente ao ponto de honrar a vida proposta por Cristo e a solidariedade com o próximo, lembrando que a liberdade concedida para as escolhas traz riscos na tomada da decisão.

A ética cristã não é nem uma ética vitalista, que vive só o “sim” ao mundo; nem uma ética da renúncia, que vive somente o “não”, e sim uma ética da responsabilidade, que vive a tensão, a unidade polêmica entre o sim e o não: “A vida que encontramos em Jesus Cristo sob forma do ‘sim’ e do ‘não’ pronunciado para a nossa existência exige como resposta uma vida que acolha e unifique aquele ‘sim’ e aquele ‘não’”.

Então, mesmo que amparados pelo livre arbítrio concedido por Deus aos homens, não significa que eles têm direito ao “sim” absoluto que atenderá a todas as suas vontades como se isso tivesse influência apenas nas suas vidas, ignorando o fato de que cada “sim” deve ser consciente e amparado nos propósitos designados por Deus, pois o “sim” deve trazer em sua base o desejo divino e não o desejo do homem puramente para satisfazer ao seu ego e vontades.

Bonome (2006) aponta o reducionismo que pode existir em relação à educação cristã quanto ao ensino, alegando que, normalmente, ela faz referência a um programa formal de educação desenvolvido pelas igrejas e com isso, mesmo que apresentem em sua proposta de ensino uma linha tipicamente educativa.

Este reducionismo pode acabar levando as Igrejas a não desenvolverem um projeto global de educação para a sua formação, uma vez que a educação cristã não deve ser definida como modo de atrair ou manter o indivíduo para dentro de um determinado grupo religioso, e sim, direcionar para os princípios apresentados pelo evangelho como base na vida e convivência social.

Ainda que através do artigo 33 da LDB7, tente-se instituir o ensino religioso nas escolas regulares com o intuito de contribuir para a construção da cidadania, mesmo que não com base no cristianismo e respeitando as diversas culturas religiosas, a educação com o evangelho como base deve ser considerada por sua contribuição dentro do campo ético.

Bonome (2006, p.54) afirma que “os valores cristãos têm credibilidade; o compromisso é mais profundo e consolidado, portanto fidedigno; a educação cristã tem mais capacidade mediadora, maior acompanhamento a grupos e maior inculturação”. Assim, mesmo que direcionando os ensinamentos para certo grupo religioso, há de se considerar a contribuição prestada por igrejas que transmitem a educação cristã através de encontros realizados em suas sedes, como a Catequese, o Ensino Confirmatório e a Escola Bíblica Dominical, também chamada de Escola Dominical, que segundo o autor supracitado “é a atividade educativa mais marcante no programa de educação cristã das igrejas do protestantismo de missão”.

1.3 ENSINO RELIGIOSO: ASPECTOS CONCEITUAIS E DISCIPLINA CURRICULAR NA ESCOLA.

Conforme Macedo (1989), a experiência com o Sagrado está fora do normal, é algo que está além dos acontecimentos diários da vida de um ser humano, é um momento que marca para sempre, é algo separado do rotineiro. Acontece sem que homem faça acontecer, mas essa experiência depende unicamente do Sagrado querer se manifestar.

Para compreender corretamente a natureza dessas crenças, é preciso analisar a distinção entre o sagrado e o profano. O sagrado é uma dimensão da vida humana que se manifesta em circunstâncias especiais, fora da rotina e do cotidiano, domínios da vida profana.

“O sagrado é da ordem do maravilhoso, do que não se inscreve nas agruras do dia-a-dia. O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como qualquer coisa absolutamente diferente do profano”. (MACEDO, 1989, p. 15).

O Ensino Religioso confessional é também denominado ensino da doutrina de uma determinada orientação religiosa. É entendido como sendo o ensino ministrado para promover, divulgar e converter pessoas a um credo religioso, está relacionado à doutrinação e é ministrado de preferência por membro de uma determinada

religião. Para Junqueira (2002), o Ensino Religioso é considerado confessional quando ministrado de acordo com a confissão religiosa do aluno ou responsável, com professores e orientadores preparados e credenciados pelas respectivas igrejas ou instituições religiosas.

Neste paradigma, a escola representa a extensão da religião e o Estado brasileiro, como o responsável pela promoção e divulgação de uma determinada crença. Esse paradigma sofre sérias críticas de grupos opositores à presença do Ensino Religioso na escola, com argumentos baseados na laicidade do Estado e na contradição que significa um país laico manter a presença desse componente curricular em espaços financiados pelo poder público.

Para os defensores da escola laica, o objetivo da permanência da disciplina Ensino Religioso no currículo escolar é de expandir os domínios das igrejas, com conteúdo de cunho eminentemente doutrinário e proselitista, como pode ser observado em reportagens publicadas no Jornal O Globo e na Revista Nova Escola.

Se o Estado é laico, a escola pública – que é parte desse Estado –, também deve sê-lo.” Neste sentido, a entrevistada expressa o entendimento de que a presença do Ensino Religioso nas escolas públicas ameaça a laicidade do Estado brasileiro.

Esta concepção contradiz pesquisadores, como Passos (2007, p. 18), o qual advoga que o Ensino Religioso deve estar presente em todas as escolas públicas, como proposta de ensino cidadão, e não como educação da religião, entendida como doutrinação, mas amparado por autonomia teórica e metodológica, capaz de subsidiar os professores na compreensão do fenômeno religioso dentro do sistema de ensino, sem ferir a laicidade.

O embate sobre a laicidade do Estado e o Ensino Religioso na escola pública evidencia a complexidade do tema. À proporção que defende o conceito de Ensino Religioso como aula de religião, de doutrinação baseada em práticas que remontam ao período de colonização do Brasil e que ainda hoje se faz presente nas escolas, por professores que também têm esse mesmo entendimento – que aula de Ensino Religioso é espaço de fazer prosélitos.

O Ensino Religioso vem da época dos jesuítas. Passamos 400 anos unindo educação e Religião, e isso terminou com o advento da República. De lá para cá, em todas as Constituições, essa ideia é reforçada.” os alunos.

1. Os defensores do Ensino Religioso querem que a disciplina trate de valores morais, e “não faz sentido falar de moral nas aulas sobre Religião e nas atividades alternativas oferecidas para quem optar por não cursar a disciplina”, conclui a matéria.

O posicionamento do *grupo laicista* em relação à presença da disciplina Ensino Religioso na escola pública ignora o papel que a escola tem de levar para os alunos os conhecimentos produzidos pela humanidade, parafraseando Goodson (2008, p. 128), equivale a “jogar fora o bebê junto com a água do banho.” O artigo destaca uma realidade que ainda permanece nas escolas, que é o paradigma do Ensino Religioso Confessional, disciplinador do espírito, coordenado por religiosos ou pessoas ligadas a uma denominação religiosa, que se apropria do espaço e de servidores públicos para propagarem sua fé, sua doutrina. Mas qual seria a solução para esse empasse? A retirada da disciplina eliminaria as ações proselitistas e doutrinadoras dos espaços públicos? O conhecimento sobre o fenômeno religioso é desnecessário? A análise da Revista Nova Escola (2013) destaca com clareza o que acontece em muitas escolas brasileiras, o Ensino Religioso como campo de propagação de fé e doutrinação.

Outro paradigma ainda presente nas escolas é do Ensino Religioso Interconfessional, ministrado por professores de qualquer área do conhecimento, desde que pautem suas aulas em temas relacionados à formação moral e ética dos alunos. Esses professores são indicados, geralmente, por um grupo constituído pelas entidades religiosas, que por meio de acordo entre si e com a anuência do Estado, elaboram o currículo da disciplina, com uma proposta de perspectiva ecumênica. Há situações em que os próprios professores propõem os conteúdos e as aulas sob essa perspectiva. Destaque para a utilização de referencial bíblico com atividades relacionadas à música, teatro, celebrações e toda sorte de dinâmicas. Neste paradigma as religiões de matrizes africanas, orientais, indígenas são deixadas de lado. Segundo Gonçalves e Muniz (2014, p. 127) este entendimento:

Está associado à crise vivenciada pelo sistema educacional, que se manifesta na dificuldade em lidar com problemas de indisciplina, violência no âmbito da escola, de promover uma formação moral e ética dos alunos, o que tem levado professores e gestores a buscarem socorro nessa disciplina cotidianamente, sem problematizar sua natureza, corroborando para a representação criada de que o Ensino Religioso é o único capaz de fornecer formação moral ao indivíduo.

Tal entendimento consiste na saída encontrada por muitas escolas em substituição ao Ensino Religioso Confessional. Para Diniz, Lionço e Carrião (2010), o objetivo desse paradigma é superar a prática da doutrinação e do proselitismo de uma religião específica, buscando o caráter universal das religiões naquilo que as une. Para os autores, no paradigma Interconfessional, a religião é considerada como um fator imprescindível para a formação integral do ser humano, uma vez que exerce o importante papel de oferecer aos indivíduos referências de valores morais universais.

A religião não pode continuar se apresentando no ambiente escolar de forma inibidora de diversas experiências culturais. É comum assistirmos comemorações de festas juninas nas escolas que, por possuírem um conteúdo doutrinário de homenagem a santos católicos, terminam inibindo a participação de estudantes de outras matrizes religiosas.

O Ensino Religioso no Brasil, por lei (art.33 da Lei 9.394/06 e Resolução 02/98 do CNE Conselho Nacional de Educação, de 7 de abril de 1998), deve constar no rol das disciplinas escolares. Os profissionais devem ser preparados, não somente para respeitar a diversidade religiosa, bem como para estimular uma consciência antirracista

A capacitação é algo indispensável ao docente, uma vez que todo o conhecimento/capacitação está sendo sempre sendo atualizado. Percebemos que na sociedade atual todas as áreas profissionais estão constantemente se reciclando da melhor forma possível, a fim de estar apto a exercer a função da qual optou para desempenhar na sua trajetória como profissional.

Ser professor de ensino religioso é um desafio enorme, pois deve ter o máximo de cuidado para não estar realizando proselitismo em sala de aula. É bom atentar para isto porque estamos vivendo uma realidade bem diferente de anos passados. Estamos convivendo com inúmeras religiões nas salas de aula.

O ensino religioso é uma disciplina que não tinha, até dezembro de 2017, uma diretriz curricular nacional, uma vez que sua execução compete aos estados e municípios. O resultado disso é a enorme quantidade de leis, decretos, deliberações, entre outros dispositivos estaduais ou municipais, que procuram indicar a natureza do ER a ser oferecido (confessional ou não confessional), a escolha dos conteúdos, a habilitação dos professores e a carga horária a ser cumprida pelo aluno

matriculado. Há uma variedade de modelos e propostas pedagógicas em vigor no país.

A reivindicação dos grupos que apoiam o oferecimento público do ensino religioso é que o Ministério da Educação estabeleça as diretrizes curriculares nacionais, que sirvam como uma linha de apoio e orientação para o trabalho docente. Em votação no Conselho Nacional de Educação (CNE), ocorrida em 15 de dezembro, foi aprovada a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a educação básica.

Assim como as demais disciplinas do currículo escolar obrigatório, o ER terá, a partir deste ano, uma diretriz nacional (conteúdos, competências etc.). Mesmo que isto ocorra, de fato, não quer dizer que uma diretriz uniforme para todo o Brasil seja capaz de coibir a propaganda religiosa nas aulas de ensino religioso, por exemplo. Mesmo que o conteúdo da aula seja Darwin e a evolução das espécies, o proselitismo religioso poderá ocorrer, inclusive nas turmas de Biologia.

Não estamos falando de algo fixado numa única área do conhecimento. Ele está diluído na totalidade da escola pública. fixado numa única área do conhecimento. Ele está diluído na totalidade da escola pública.

Defender a disciplina Ensino Religioso sob essa ótica implica reconhecer que o fenômeno religioso seja entendido “como algo que se manifesta na experiência humana, resultado do processo de busca que o humano realiza na procura de sentido para a vida, e que está presente de modo diverso em todas as culturas” (CECCHETTI, 2009, p. 32). Tal concepção de fenômeno religioso amplia aquela apresentada por Durkheim, para quem a representação religiosa fazia-se a partir da dicotomia sagrado e profano, sendo hoje projetado na experiência dos seres humanos e na sua busca de sentido para a vida, o que pode acontecer de forma individual para o coletivo ou o seu inverso.

Com a iminente possibilidade de que o objeto fenômeno religioso seja legitimado como elemento das Ciências da Religião, e esta venha a ser reconhecidamente a Ciência de referência do Ensino Religioso, passa a ser necessário rever os conteúdos, a formação dos professores e as metodologias que estão sendo utilizadas nas salas de aula das escolas públicas, desse componente curricular. Isto porque está sendo formatado um novo paradigma e uma nova identidade para a disciplina Ensino Religioso, e não se pode ficar refém de antigas

concepções doutrinárias e proselitistas, nas quais o misterioso e o sobrenatural superpunham-se ao racional e ao científico.

Aponta para diversas questões que merecem ser analisadas mais profundamente, como a presença de propaganda religiosa durante as aulas, o tratamento secundário conferido às religiões minoritárias, como as afro-brasileiras, a falta de habilitação de professores para ministrar a disciplina e o conflito de entendimento acerca do caráter obrigatório ou facultativo do ER.

“Até muito recentemente, o ensino religioso era uma matéria que não tinha uma diretriz curricular válida nacionalmente, uma vez que sua execução compete a estados e municípios. O resultado disso é uma enorme quantidade de leis, decretos, deliberações, entre outros dispositivos estaduais ou municipais, que procuram indicar a natureza do ER a ser oferecido (confessional ou não-confessional), a escolha dos conteúdos, a habilitação dos professores e a carga horária a ser cumprida pelo aluno matriculado”, explica Santos.

Santos acrescenta que, no entanto, durante votação no Conselho Nacional de Educação (CNE), ocorrida em 15 de dezembro de 2017, foi aprovada a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para ensino infantil e fundamental. “Assim como as demais disciplinas do currículo escolar obrigatório, o ER terá, a partir de 2018, uma diretriz nacional (conteúdos, competências etc.). Pode-se afirmar que esta aprovação representa uma vitória do ‘Grupo do Sim’ ao ER público”.

O ensino religioso é parte do conjunto das áreas do conhecimento (Língua Portuguesa, História, Matemática etc.) previstas para o ensino fundamental. A legislação educacional permite sua oferta pública, mas cabe ao estudante, com anuência dos seus pais ou responsáveis legais, informar se deseja frequentá-lo ou não. Estamos tratando de um componente de caráter oficialmente facultativo, que difere das matérias do currículo obrigatório, que têm um caráter reprovativo. Isso não quer dizer que a legislação seja satisfatoriamente cumprida. Entre o texto legal e a prática real existem muitas nuances, que podem variar conforme a região do país e o contexto desta ou daquela unidade escolar.

Não é difícil localizar escolas públicas nas quais o ensino religioso seja encaixado de forma. Tanto no cotidiano das escolas quanto na sociedade mais ampla, há um desconhecimento a respeito das leis, decretos, pareceres, etc., que deveriam regular a oferta do ensino religioso.

Não, ou não deveria reprovar. Afinal, se a disciplina é facultativa, porque reprovar os estudantes nela matriculados, nem sempre de modo “facultativo”? Não

deveria constar nem na carga horária mínima, aquela a que todos os alunos estão obrigados. Apesar dessa ressalva, ao longo da minha pesquisa encontrei escolas que registravam as avaliações e frequências nos boletins dos alunos matriculados no ensino religioso. Isto talvez não seja uma regra geral, pois havia escolas que deixavam essas informações em branco. Tal fato revela parte dos erros de interpretação das normativas legais que deveriam orientar a oferta do ER nos sistemas oficiais de ensino.

2- EDUCAÇÃO RELIGIOSA: UMA REFRÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO

2.1 A ESCOLA, A FAMÍLIA E A RELIGIÃO: CONTEXTOS DIVERSIFICADOS.

Estudar os fenômenos e sistemas religiosos como parte da cultura significa apreender um fator identificável da experiência humana, que se apresenta como imagens que passaram através de milhares de pessoas, ao longo de diferentes tradições, algumas modeladas nos santuários, outras nas universidades. Entretanto, muito desse universo permanece inclassificável. Essa constatação, contudo, não deve ser impedimento para pensarmos o tema.

Ao contrário, o reconhecimento de que, em termos de religiões, a variedade é, acima de tudo, humana, significa compreender o nosso lugar no panorama religioso, reconhecendo os “outros” menos como competidores, mas sim, verdadeiramente, como companheiros de aventura existencial.

Religiões, religiosidades, experiências religiosas se expressam em linguagem e formas simbólicas. Saber o que foi experimentado, vivido e como isso pode ser compreendido exige a capacidade de identificar coisas, pessoas, acontecimentos, através da nomeação, descrição e interpretação, envolvendo conceitos apropriados e linguagem.

Atualmente, os estudos sobre religião e religiosidade valorizam os fenômenos religiosos de forma diversificada. Há o reconhecimento de que as questões religiosas permeiam a vida cotidiana como religiosidade popular, sob formas de espiritualidade que fornecem elementos para construção de identidades, de memórias coletivas, de experiências místicas e correntes culturais e intelectuais que não se restringem ao domínio das igrejas organizadas e institucionais.

Muitos movimentos religiosos procuram repensar os papéis de gênero, as opções sexuais, a participação política engajada, os conflitos em nome da fé, as novas práticas espirituais, as liturgias alternativas e as revisões teológicas, de acordo com as necessidades da

Os ambientes familiar e escolar são descritos como contextos de desenvolvimento humano, ressaltando a importância do estabelecimento de relações apropriadas entre ambos. A primeira seção trata da família e de seu espaço como agente socializador, enfatizando aspectos relacionados às configurações familiares, à rede social de apoio e aos vínculos familiares e suas implicações para o desenvolvimento humano. Na segunda seção, a escola é destacada como um

contexto de desenvolvimento, priorizando uma reflexão sobre sua função social, as suas tarefas e papéis na sociedade contemporânea, especificamente no que diz respeito ao cenário político-pedagógico. A terceira seção apresenta argumentos na direção de estimular o envolvimento entre a família e a escola. E enfatiza-se a necessidade de envidar esforços para melhor compreender as relações família-escola, de modo a assegurar que ambos os contextos sejam espaços efetivos para a aprendizagem e o desenvolvimento humano.

Portanto, a família, hoje, não é mais vista como um sistema privado de relações; ao contrário, as atividades individuais e coletivas estão intimamente ligadas e se influenciam mutuamente. O que ocorre na família e na sociedade é sintetizado, elaborado e modificado provocando a evolução e atualização dela e de sua história na sociedade (Kreppner, 1992, p. 193). A família também é a responsável pela transmissão de valores culturais de uma geração para outra. Essa transmissão de conhecimentos e significados possibilita o compartilhar de regras, valores, sonhos, perspectivas e padrões de relacionamentos, bem como a valorização do potencial dos seus membros e de suas habilidades em acumular, ampliar e diversificar as experiências.

A escola é um espaço em que o indivíduo tende a funcionar de maneira preditiva, pois, em sala de aula, há momentos e atividades que são estruturados com objetivos programados e outros mais informais que se estabelecem na interação da pessoa com seu ambiente social. Por exemplo, na escola, o aluno tem rotinas como hora do intervalo e do lanche, em que os objetivos educacionais se dirigem à convivência em grupo e à inserção na coletividade. No tocante às atividades acadêmicas, espera-se, por exemplo, que os alunos dominem a interpretação, as regras fundamentais para expressão oral e escrita e realizem cálculos de forma independente.

O sistema escolar, além de envolver uma gama de pessoas, com características diferenciadas, inclui um número significativo de interações contínuas e complexas, em função dos estágios de desenvolvimento do aluno. Trata-se de um ambiente multicultural que abrange também a construção de laços afetivos e preparo para inserção na sociedade (OLIVEIRA, 2000, p. 91).

É importante ressaltar que a família e a escola são ambientes de desenvolvimento e aprendizagem humana que podem funcionar como propulsores

ou inibidores dele. Estudar as relações em cada contexto e entre eles constitui fonte importante de informação, na medida em que permite identificar aspectos ou condições que geram conflitos e ruídos nas comunicações e, conseqüentemente, nos padrões de colaboração entre eles.

Nesta direção, é importante observar como a escola e, especificamente, os professores empregam as experiências que os alunos têm em casa. Face à leitura, é muito importante que a escola conheça e saiba como utilizar as experiências de casa para gerir as competências imprescindíveis ao letramento. A interpretação de textos ou a escrita podem ser estimuladas pelos conhecimentos oriundos de outros contextos, servindo de auxílio à aprendizagem formal. Carneiro (2003, p. 58) afirma que:

A mudança deste paradigma depende de uma transformação na cultura vigente da escola e que o projeto político-pedagógico poderia ser um dos meios para promover esta inserção. Ainda, as formas de avaliação adotadas, bem como as estratégias para superar as dificuldades presentes no processo ensino-aprendizagem, de maneira a incluir a família, exigem que as escolas insiram essa discussão no projeto pedagógico, como forma de assegurar a sua compreensão e efetivar a participação dos pais que é ainda um ponto crítico na esfera educacional. (CARNEIRO, 2003, p. 58)

A família e a escola constituem os dois principais ambientes de desenvolvimento humano nas sociedades ocidentais contemporâneas. Assim, é fundamental que sejam implementadas políticas que assegurem a aproximação entre os dois contextos, de maneira a reconhecer suas peculiaridades e também similaridades, sobretudo no tocante aos processos de desenvolvimento e aprendizagem, não só em relação ao aluno, mas também a todas as pessoas envolvidas.

2.2 METODOLOGIAS UTILIZADAS PARA AULAS DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA.

O ensino religioso é uma disciplina que, assim como as outras, merece toda uma preparação e formação inicial e continuada da pessoa que irá lecionar esta disciplina. Requer muita dedicação, esforços e entusiasmo para lidar no cotidiano esta disciplina.

O profissional deve estar atualizado e sintonizado com os conteúdos que irá desenvolver. “O fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura

deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivadora, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos.” (FREIRE, 1996 P. 86).

fator indispensável é uma metodologia voltada para uma visão crítica/educativa. A metodologia de ensino voltada para a análise crítica da prática educacional inter-relaciona algumas técnicas de ensino individual e coletivo, buscando produzir a transformação da r

A didática não poderá continuar sendo um apêndice de orientações mecânicas e tecnológicas. Deverá ser sim, um modo crítico de desenvolver uma prática educativa, forjadora de um projeto histórico, que não se fará tão-somente pelo educador, mas pelo educador, conjuntamente, com o educando e outros membros dos diversos setores da sociedade (CANDAU, 1984, p. 30).

A reflexão é um procedimento que acompanha todo o processo, desde a observação até a informação. Na realidade não se trata de momentos isolados e estanques, mas de passos que se entrelaçam, se interligam numa dinâmica, num movimento constante. O professor pode encaminhar a reflexão com questionamentos, diálogos, problematizações que promovam a conscientização, o entendimento e a decodificação do objeto de estudo, no caso o fenômeno religioso o professor ajuda o aluno a se apropriar do conhecimento sistematizado, organizado, elaborado, para que possa passar de uma visão ingênua, empírica, fechada, dogmatizada, desarticulada e muitas vezes incoerente para uma nova visão decodificada e explicitadora da realidade.

Marques (2001, p. 89) enfatiza também a importância das tarefas desempenhadas em sala de aula que favorecem as formas superiores de pensar e aprender, tais como memória seletiva, criatividade, raciocínio abstrato, pensamento lógico, tendo o professor uma função preponderante nesta mediação. O currículo escolar estabelece objetivos e atividades, conforme a série dos alunos, facilitando o acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem nas diferentes faixas etárias.

Desde o maternal até a educação de adultos, a escola tem peculiaridades em relação à sua estrutura física, à organização dos conteúdos e metodologias de ensino, respeitando e considerando a evolução do aprendiz, bem como articulando os conhecimentos científicos às experiências dos alunos:

A ideia da mediação do conhecimento realizada pelo professor, por meio de materiais concretos, padrões e modelos de aprendizagem e comportamento, permitem que, na sala de aula, se incorpore uma ação coletiva que se estrutura e funciona graças ao uso de estratégias específicas, como o trabalho em grupo e aos pares e a realização de atividades recreativas, competitivas e jogos (Almeida, 2000, p. 79).

Uma verdadeira preparação era realizada para que os “professores catequistas” pudessem realizar as aulas com o chamado real proveito, os professores deveriam estar bem preparados e bem ambientados com o conteúdo, além de estarem preparados intelectualmente e espiritualmente; pois o preparo espiritual e intelectual era condição essencial para que não fossem incutidas na alma das crianças e jovens, noções erradas, falhas e outros contra pontos que poderiam prejudicar a formação religiosa de toda uma vida.

Muito se comentava sobre os materiais didáticos a serem trabalhados em sala de aula, pois era exigido que os professores catequistas não se restringissem apenas a um ligeiro conhecimento do Catecismo, da Liturgia e da História Sagrada; eles deveriam conhecer profundamente o que iriam ensinar e isso iria requerer muitos e profundos estudos. Felizmente, para os professores da época, já se podia contar com uma bibliografia considerável em relação à pedagogia e doutrina religiosa, livros esses que eram traduzidos e também de autores brasileiros, onde os professores poderiam colher mais conhecimentos e aplicá-los. No entanto, esses livros muitas vezes ficavam em poder exclusivo dos professores, já que poucos exemplares chegavam às instituições de ensino e desta forma faltava material nas bibliotecas, o que prejudicava as consultas que eram indispensáveis aos alunos.

Uma tentativa de amenizar essa falta de livros com os alunos foi à utilização de revistas e jornais que retratassem do assunto, uma vez que esse material, por seu manuseio mais fácil e frequente, além de seu menor custo, aproximava os alunos do centro das discussões e principalmente das questões a serem aprendidas. Muitas destas revistas pertenciam a centros religiosos e eram consideradas como atualizadas e concretizadas em seu propósito.

A professora Alice Carneiro da Cunha assim definia a importância dessas reuniões e núcleos de estudos religiosos: Os Círculos de Estudos Religiosos preparam as futuras e futuros catequistas, tornando-os aptos para a elevada missão de formar cristãos perfeitos, há os cursos de religião, como aqui já se

fazia no Curso Anchieta e ultimamente se vem fazendo no Ginásio Normal do Estado. (CUNHA, 1944).

Percebemos que as exposições e os congressos catequéticos organizados por esses cursos eram outros tantos meios de ampliar os conceitos e as idéias oferecidas para a condução destas aulas nas escolas públicas e privadas.

Para os profissionais da disciplina, uma vez organizado os planos de aula, a confiança para responder as questões e perguntas que lhes forem dirigidas surgiria naturalmente; porem era necessário criar um mecanismo que facilitasse osurgimento desta confiança, como por exemplo, afastar as dificuldades apresentadas, explicar o mesmo assunto varias vezes de modo diferente; o que facilitava a memorização por parte dos alunos.

Esses eram alguns dos modos que os professores catequistas utilizavam para fazer crescer a confiança de seus alunos e desperta-lhes mais “amor” pela religião, no entanto, as dificuldades existiam e o método da memorização nem sempre funcionava ou atraia a atenção do alunado, principalmente das crianças.

Um grande problema para esses professores de religião era a preparação mental que todos deveriam ter, pois era ensinado aos mesmos que não bastava apenas que o profissional estivesse imbuído das verdades da doutrina, logo uma preparação mental e espiritual era necessário para a realização de cada aula, coordenando o objeto da lição e de estudo, com a paz de espírito e liberdade da alma. Para os educadores muitos alunos não conseguiam compreender as verdades bíblicas que lhes eram ensinadas por serem verdades muito abstratas, logo a escola era considerado o ambiente mais apropriado para se ensinar o catecismo, por poder oferecer maiores possibilidades tanto no que se mostra aos meios pedagógicos, quanto a outros meios.

O estudo do Catecismo, não se devendo restringir ao campo intelectual, aos estudos de formulas ou teoremas, tinha como obrigação alcançar o campo espiritual o que também forçava aos professores a um verdadeiro exercício de formação sobrenatural e preparação de estado de graça.

Ter espírito de fé e fazer com que sempre a vontade de Deus e não a sua própria guiasse a sala de aula deveria ser o ápice de disciplina, ou seja, em tudo enxergar a luz da eternidade; possuir uma vida santa e oferecer a mesma condição aos alunos, porem essa realização era uma tarefa muito

difícil e não demorou para que propostas fossem feitas para tal fim; como conservar este espírito de fé, como conservar a santidade da vida e o estado de graça na sala de aula?

Muitas vezes tornava-se difícil conduzir os alunos ao interesse da disciplina ministrada e a educadora católica fora do estado de graça era considerada incapaz de tocar a alma do aluno convictamente. Não demorou para que uma das mais antigas armas da igreja ao longo dos séculos fosse utilizada em prol da educação, o horror ao pecado.

2.3 A EDUCAÇÃO RELIGIOSA NO ESPAÇO ESCOLAR E OS CONFLITOS RELIGIOSOS FAMILIARES

A valorização do pluralismo, do acesso ao conhecimento de diferentes teorias, métodos, experiências e pontos de vista transformou-se em base do processo educacional. Educar é ensinar a compreender, experimentar e respeitar as diferenças. O ensino e o estudo responsável sobre religião devem ser multidisciplinares e multiculturais, sem valorizar, por exemplo, certos padrões que a cultura ocidental e burguesa coloca como universais e “superiores”. É preciso deixar claro que esses padrões ideais de civilidade repousam sobre determinadas condições na construção de diferenças sociais e culturais que encontram sua sustentação num sistema de poder responsável por determinadas lógicas hierárquicas extremamente segregadoras.

Evidentemente, com a expansão contínua dos temas e perspectivas do estudo da religião, a questão da diversidade é inevitável. Não é mais suficiente pensar *sobre* diferentes religiões; é necessário considerar *como* pensamos as diferentes formas de religião. É necessário abandonar a pretensão de chegar a uma teoria ou metodologia final ou absoluta. O reconhecimento de que os estudos atuais sobre religião devem ser multiculturais e multidisciplinares leva à necessidade de construir várias estratégias interpretativas. O reconhecimento crescente da importância de diferentes tradições religiosas trouxe desafios teóricos e metodológicos, e também promoveu o surgimento de questões comparativas bastante complexas.

A variedade de abordagens e a pluralidade das tradições religiosas não só enriqueceram os estudos e investigações das religiões como são um desafio a uma compreensão mais adequada da história e do significado contemporâneo das

religiões. Estabelecer um diálogo entre o “familiar” e o “estranho” representa um esforço de trazer antigas questões para novos caminhos, novos objetos e novas abordagens, promovendo um diálogo entre os estudos de religião com a História, a Antropologia, a Sociologia, a Política e a Arte.

O intelectual deve, contudo, levar em conta que a especificidade histórica e a relatividade cultural significam que vários termos, conceitos, definições e estruturas cognitivas não são universalmente aplicadas. Por exemplo, em algumas tradições religiosos termos como “religião” ou “Deus” podem não existir. Toda forma de conhecimento passível de interpretação, no nosso caso o estudo das religiões, é sempre incompleto e sujeito a novas formulações.

As aulas consistiam em um texto, seguido de uma atividade. Na concepção de Libâneo (1991, p. 241) a aula representa a maneira com que se organiza o processo de ensino e a organização ou criação das situações docentes como pré-requisitos necessários para que os/as alunos/as assimilem conhecimentos. Ainda segundo o autor, “o plano de aula é um detalhamento do plano de disciplina. As unidades e subunidades [...] são agora especificadas e sistematizadas para uma situação didática real”.

O que os professores chamam de plano de aula não atende na íntegra as etapas que alguns teóricos da pedagogia defendem, como é o caso de Libâneo (1991), quais sejam Tema, Justificativa, Objetivos gerais e específicos, Tempo, Metodologia, Avaliação e Bibliografia. No caso das aulas planejadas pela APERAP, apenas Tema, Avaliação e Bibliografia são possíveis de serem identificados. Mesmo assim, não constitui empecilho em reconhecer o mérito da proposta e do tratamento dado a um assunto como religião, em que os/as professores/as empreenderam esforços para que se aproximassem da cultura e da ciência.

A ineficiência do controle social exercido pelas instituições societárias tais como a família, as associações comunitárias e a própria escola por meio de suas funções típicas, parece levar a um raciocínio compensatório em relação à possibilidade de a religião exercer de forma mais efetiva esse papel. A percepção generalizada de que há uma predisposição, entre muitas famílias de alunos, de adesão a um credo religioso, faz parecer profícuo esse caminho, inclusive para alguns professores e diretores que não estão pessoalmente envolvidos na prática de alguma religião.

O sentido moralizador da religião é aludido pelos professores que, no entanto, sempre fazem questão de declarar sua neutralidade quanto aos diferentes credos, isto é, fazem questão de afirmar que todos eles poderiam igualmente cumprir esse papel.

3. O ENSINO RELIGIOSO NA FORMAÇÃO DA ÉTICA E DA MORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISE NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL PROF.^a IRENE BRELAZ EM JACAREACANGA – PARÁ.

3.1- CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Municipal de educação Infantil, Profa. Iene Brelaz, situada na travessa Presidente Médici, s/n no bairro Bela Vista em Jacareacanga no Pará, foi fundada em 1993 na gestão do excelentíssimo Sr Rauliem de Oliveira Queiroz com o nome de creche Municipal Professora Irene Brelaz, atendendo crianças de 2 aos 6 anos de idade sob a responsabilidade da secretaria municipal de Assistência Social (SEMUTPS)

A partir de 2007, nas vigências das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira 9394/96 (LDB 9394/96), a escola passou a fazer parte do FUNDEB e se integrou à Educação Básica, ficando sob a responsabilidade da Secretaria municipal de educação, cultura e Desportos (SEMECD). Durante o seu processo educativo, teve como gestoras Ana Cláudia Nunes Damasceno, Edilza Lima Azulino, Ana Cláudia Costa e Luciene Rodrigues Viana. Atualmente, a escola está sob a direção da pedagoga Ana Claudia Nunes Damasceno e possui uma equipe de trabalho de 53 funcionários: 1 secretária; 1 auxiliar de secretaria; 4 merendeiras; 27 professores; 4 vigias; 8 serventes; 2 coordenadores; 1 diretora; 1 vice- diretora. Neste ano a escola atende 410 alunos devidamente matriculados e distribuídos em dois turnos, matutino e vespertino e primam pelo Tema: Educar para vencer.

Ao longo dos seus anos, a escola tem desempenhado um papel de suma importância para a comunidade e assim continua o compromisso de educar e formar cidadãos para a vida. Tem como missão: proporcionar aos alunos um ambiente de recreação apropriado onde pode obter carinho, atenção e cuidados. E, com visão, desenvolve, e oferece um ensino de qualidade, por meio de profissionais qualificados e comprometidos, para garantir a satisfação e o atendimento aos requisitos da nossa clientela, buscando uma gestão democrática e acompanhando, proporcionados aos alunos o bem estar na sua fase inicial educativa.

3.2- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo foi desenvolvido através de investigação em forma de pesquisa com abordagem qualitativa, com questionários para as entrevistas cinco professores a escola de Educação Profa. Irene Brelaz em Jacareacanga- Pará, no período Junho de 2018, a fim de se analisar a necessidade do ensino religioso para a formação de valores éticos e morais da criança da educação infantil.

Para prosseguir e concretar a investigação, foi necessário desenvolver a coleta e a análise de dados, com discussão e comentários dos mesmos; com também utilizou-se de instrumentos básicos como entrevistas aos professores que integra comunidade escolar, que norteou os resultados. À seguir, a conclusão e propostas contribuintes, com os referenciais bibliográficos utilizados para o embasamento teórico e a elaboração deste.

3.3- PERFIS DOS ENTREVISTADOS

Para a investigação e produção deste trabalho, foram necessários a participação como entrevistados, de cinco professores, sendo um do sexo masculino, com idade de trinta anos, com curso superior em Pedagogia e Letras, com mais de seis anos de magistério na escola referida escola.

Também foram entrevistadas quatro professoras, sexo feminino, com idades de vinte e cinco anos, vinte e seis anos, trinta anos e trinta e um anos, duas com curso superior em História e pedagogia e duas com Licenciatura Plena em Pedagogia apenas, com mais de cinco anos de magistério na instituição.

Vale ressaltar que todos os entrevistados e entrevistadas são idôneos de Jacareacanga no Pará e tem seus filhos matriculados regularmente na escola pesquisada e em outras escolas.

3.4- ANÁLISE DA PESQUISA COM OS PROFESSORES

O professor é uma das figuras mais importantes, que integram a escola. É este, que está mais perto dos alunos e que convive mais diretamente com eles, verificando

o que lhes permite, com um pouco de sensibilidade; conhecê-los e percebê-los melhor, além de lidar com seus comportamentos e habilidades.

. Ser professor tem uma implicação afetiva muito importante, já que ele se relaciona com os alunos, as famílias e compreende a sua religiosidade; como também lhe permite se tornar mais que um simples colegas de trabalho.

Aos docentes, cabe ter em mente a grandiosidade do valor que sua profissão exerce na vida de um aluno. Por isso a prática educativa deve ser farta de decência, compromisso e pureza e a compreensão da religiosidade de cada sujeito da sua sala de aula. “Se o professor resgatar o seu valor e perceber que ele não faz parte de uma profissão em extinção e sim de que é protagonista de uma ação educativa, na qual sua mediação é fundamental, ele (a) retorna sua posição no estado atual das coisas e possibilitará que o mesmo se modifique”. (BARBOSA. 2002, p. 63)

Assim, para produzir este trabalho, fez-se necessário uma investigação que consiste analisar professores da EMEI profa Irene Brelaz, em Jacareacanga- Pará, que no ensino religioso na formação da ética e moral. Mediante isto, a primeira questão investiga o que é a educação religiosa para os docentes.

Quadro 01- Para você, o que é a educação religiosa na escola? **Fonte:** Professores da EMEI Profa. Irene Brelaz, Jacareacanga- Pará/2018

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	É quando a gente trabalha os valores com os alunos. A educação religiosa é fundamental, pois ela começa em casa.
P2	Educação religiosa não significa que se trata de sua religião; mas trata de comportamentos que a criança deve ter em todo e qualquer lugar.
P3	Isto significa que até na escola, deve-se educar religiosamente, mesmo sem abordar sua própria religião. Pois atualmente, cada pessoa e família tem sua religião e a escola deve cuidar disso com muito cuidado.
P4	È uma educação que traz para a criança a presença e Deus em suas vidas, mesmo na escola a gente trabalha isso.
P5	A educação religiosa é uma disciplina que ajuda o aluno a se tornar melhor. E isto deve ter a base em sua casa.

De acordo com os entrevistados, a educação religiosa vem contribuir com os valores humanos e é fundamental. Há quem diga também que a educação religiosa não se trate de s religiões específicas, mas de comportamentos e posturas.

Ainda, segundo os entrevistados, é uma disciplina que deve ser tratada com cuidado; que traz para a criança a presença de Deus e torna o aluno bem melhor. Que deve ter base em casa, no ambiente familiar. Assim, "valor é sempre valor para alguém. Valor... é a qualidade de uma coisa, que só pode pertencer-lhe em função de um sujeito dotado de uma certa consciência capaz de a registrar". (HESSEN, 2001, p. 23). Da mesma forma, também os valores se opõem às normas e às regras, num primeiro momento, muito embora delas possam vir a necessitar, num segundo momento, para se expressarem e manifestarem. E na escola não é diferente.

A educação religiosa, com sua característica de formação espiritual, deve está presente no currículo; pois, seu universo é infindável e inesgotável, sempre sujeito a novas descobertas e aproximações da realidade reveladoras da complexidade humana, e as crianças vão compreendendo que é algo interessante. Prosseguindo, a pergunta que trata da experiência de trabalhar a educação religiosa na escola.

Quadro 02- Fale sobre sua experiência de trabalhar a educação religiosa na escola? **Fonte:** Professores da EMEI Profa. Irene Brelaz, Jacareacanga- Pará/2018

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	É preciso ter muito jeito. É uma experiência que somente nós, professores podemos sentir, de segurança, de uma educação diferente.
P2	É uma experiência diferente. Por que precisa de muita estratégia para não ferir a religião do outro.
P3	Nos dias atuais, onde as religiões estão em toda parte, trabalhar a educação religiosa em sala de aula, deve ser de modo geral, sem mencionar nem uma delas.
P4	Não de deve falar de religião específica. Isto não deve acontecer pra não acontecer discórdias e nem conflitos entre a escola e a família,
P5	Experiência enriquecedora, que permite ver as crianças mudarem de comportamentos e modo de lidar com os outros.

De acordo com os investigados, é preciso ter jeito e que apenas quem é professor sente o prazer de uma experiência diferenciada. Que precisa de muita estratégia para não ferir a religião do outro.

Há entrevistado que afirmou que nos dias atuais, com religiões em toda parte, é preciso trabalhar sem mencionar religiões, pra que não haja discórdias e nem conflito na escola. E que é uma experiência enriquecedora que ajuda as crianças se tornarem melhores. Diante disto, o "Ensino Religioso [...] elemento integrante do conjunto das disciplinas que estão a serviço do desenvolvimento harmônico de todas as dimensões do ser humano" (FIGUEIREDO, 1995, p. 41)

Portanto, é necessário a preocupação da escola de transmitir valores tanto na educação formal quanto de maneira informal às crianças para que eles cresçam e se desenvolvam seguros emocional e socialmente. É preciso que tomem decisões, busquem sua felicidade e a felicidade coletiva, tenham saúde mental e exerçam mais a frente

Entretanto, ainda precisa ser revisto o papel de educadores das futuras gerações, transmitindo os valores que lhes forem ensinados de maneira que respeitem a subjetividade do indivíduo; e mantenham o ritmo de crescimento saudável à sociedade e verdadeiramente sejam pessoas livres, felizes e com ética. A questão à seguir, ressalta as metodologias para trabalhar a educação religiosa em sala de aula.

Quadro 03- Quais metodologias você utiliza para ministrar a educação religiosa em sua sala de aula? **Fonte:** Professores da EMEI Profa. Irene Brelaz, Jacareacanga- Pará/2018

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	Para a Educação Infantil, eu trabalho com estorinhas que trazem lições de vida e outras que ensinam a boa convivência.
P2	Na sala de aula, é bom trabalhar a questão dos hábitos de boa convivência com o outro, com a família, com os colegas, ser bom e respeitador.
P3	Trabalhar a religião com crianças, é trazer para o mundo delas, o respeito ao próximo, com estórias que ensinam como fábulas, sem deixar de mencionar o Deus que ama todas as pessoas.
P4	Cantigas, estorinhas, casos e lições de vida, na linguagem que eles entendem.
P5	Trabalho estorinhas, cantigas, falo da bíblia também, pois tem crianças que já conhecem devido os pais educarem em casa, levarem pra igreja....

Os entrevistados, ao serem indagados sobre suas metodologias para trabalharem a educação religiosa na sala de aula, responderam que utilizam- se de estorinhas, de cantigas, fábulas que trazem ensinamentos, que trazem lições

de vida; trabalham hábitos de boa convivência com o outro, coma família, colgas; enfim, ser respeitador, falam da bíblia em uma linguagem que todos possam entender, pois há pais que educam em casa, levam para a igreja e isso contribui para a educação.

Mediante esta questão, “O aluno é antes de tudo, um projeto de vida, nunca um mero receptor. E a escola precisa lhe oferecer uma metodologia educativa eficaz, que atenda cuidadosamente a atividade pessoal do aluno, deixando que ele estabeleça relações e deduza novos conhecimentos. (IZQUIERDO, 2001, p. 260).

Diante da sociedade atual, faz-se necessário uma metodologia de ensino religioso de maneira preventiva, na educação de valores éticos e morais, na formação consciente do indivíduo que reflete ética e moralmente diante de situações conflitantes, que exijam dele, princípios e valores que norteiem suas decisões, sua vida e sua educação. E é na educação infantil que inicia-se todo esse processo. Á seguir, a pergunta sobre como a educação religiosa proporciona a ética e a moral e coo isso acontece.

Quadro 04- A educação religiosa proporciona a ética e a moral? Como isso acontece? **Fonte:** Professores da EMEI Profa. Irene Brelaz, Jacareacanga- Pará/2018mnnnjz

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	Sim, por que trata de bons comportamentos e forma de vida saudável, com respeito.
P2	Sim. Tem como base uma educação adequada para viver em sociedade.
P3	Proporciona sim. Porque ela trata de uma educação de valores, de respeito e de convivência com o próximo.
P4	Sim. A ética e a moral também é trabalhada na religião e a bíblia relata isso com toda propriedade.
P5	Com certeza. A escola trabalha porque contribui pra a formação da criança.

Os professores responderam que a educação religiosa proporciona sim, a ética e a moral. Por transmitir bons comportamentos, vida saudável e respeito, ter como base uma educação adequada para viver em sociedade, que é uma educação

de valores, que é trabalhada na religião e a bíblia relata esses valores e que trabalhando esta questão, há a contribuição para a formação da criança.

A escola, através da educação religiosa, já inicia uma formação de valores éticos e morais, especialmente na educação infantil, pois é nesta faixa etária que são transmitidos e concebidos com mais seriedade a postura que se precisa para viver de bem na e com a sociedade. Dando prosseguimento à pesquisa, a questão sobre os benefícios da educação religiosa para o aluno.

Quadro 05 - Do seu ponto de vista, quais os benefícios que a educação religiosa proporciona ao aluno? **Fonte:** Professores da EMEI Profa. Irene Brelaz, Jacareacanga- Pará/2018

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	As crianças levam a sério e aprendem com mais facilidade.
P2	Transmite o respeito ao próximo, aos mais velhos, aos pais, aos professores e a todos os que estão ao seu redor.
P3	Já perpassa o sentimento de respeito a Deus, ser superior a quem deve- se temer.
P4	Os benefícios vão dos bons comportamentos ao fato de se tornar um excelente aluno, solidário, generoso e amigo.
P5	Benefício de prosseguir com um sentimento religioso, mesmo tendo iniciado em casa ou não. A criança torna- se outra, mais sociável e respeita o outro, não tem preconceito e acima de tudo ama o próximo.

Mediante as respostas dos pesquisados, as crianças levam a s[ério e aprendem com mais facilidade, transmite o respeito ao próximo, aos mais velhos, aos pais, professores e a todos que estão em seu contexto.

Há quem afirme que perpassa o sentimento de respeito a Deus, ser superior que deve- se temer. Que os benefícios vão dos comportamentos ao fato de se torar um excelente aluno, solidário, generoso e amigo; e prossegue também um sentimento religioso, tornando mais sociável, , sem preconceito e com amor ao próximo.

Portanto, "Precisamos acabar com os analfabetos em letras, em cidadania, em solidariedade, em justiça social para evitar a manutenção de corruptores eleitorais, de governos irresponsáveis e desta miséria humana social que vemos pelas ruas e pelo interior do país. A educação religiosa pode contribuir para isso". (JUNIOR, 2001, p. 57). E a educação religiosa vem assessorar a escola, através dos professores para proporcionar este benefício para a crianças. à seguir, a pergunta que fala sobre a religião e a interferência na convivência na escola.

Quadro 06- A questão religião interfere na convivência dos pais na escola? Justifique a sua resposta. **Fonte:** Professores da EMEI Profa. Irene Brelaz, Jacareacanga- Pará/2018

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	Sim, pois há pais que dizem que não querem que seus filhos aprendam outra religião a não ser a da família na escola.
P2	Interfere sim, pois há pais que utilizam a religião como desculpas para não ir à escola e seus filhos.
P3	Os pais não entendem que a educação religiosa não trata de religião específica.
P4	Claro que interfere. Há famílias que precisam compreender que a matéria não vai desvirtuar seus filhos e nem afastar de sua religião.
P5	Creio que não. Quem que seu filho estude, precisa entender que a escola é para todos, sem se preocupar com o que ensina na educação religiosa.

De acordo com as respostas, a maioria dos professores afirmam que a educação religiosa interfere na convivência dos pais na escola, por não permitirem que outra religião seja mencionada ao filho, que é algo que consiste em desculpas para os mesmos não comparecerem à escola de seus filhos, por não entenderem que não trata-se de religião específica, que não desvirtua o aluno.

Porém, há quem afirme que não interfere, pois quer que seu filho estude e entende que a escola é para todos, sem se preocupar com o que se transmite na educação religiosa. Afinal, a educação religiosa é responsabilidade da escola, sem interferência da família que deve contribuir com os saberes informais e da sociedade como um todo.

A escola deve ser o ambiente de compreensão, de tolerância, do bom viver, da vontade de entender o outro e especialmente de educação. A religião é um aspecto que precisa ser trabalhado de forma humana, compreensível e respeitosa. Os professores enquanto agentes direto da educação escolarizada, é o profissional que tende a trabalhar a religião de forma inteligente sem rotular ou discriminar.

Todavia, cabe a cada um exercer o seu papel com responsabilidade, conscientes de sua importância, sem discriminação e rotulação, respeitando cada saber religioso dos alunos. Prosseguindo, a questão sobre a educação religiosa como disciplina facultativa; mas necessária para os valores morais e éticos.

Quadro 07- Na escola, a educação religiosa é disciplina facultativa. Do seu ponto de vista, é importante ou desnecessária esta disciplina para o currículo do aluno, já que trabalha a ética e a moral? **Fonte:** Professores da EMEI Profa. Irene Brelaz, Jacareacanga- Pará/2018

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	Apesar de ser facultativa, é importante para o currículo, que traz os valores morais e éticos, onde forma a personalidade da criança.
P2	É importante sim. Sem ela, não tem como dar continuidade a educação familiar, aos valores impostos pela família.
P3	Trata-se da formação do caráter o aluno. E ser facultada, não importa. É importante assim mesmo.
P4	Claro que é necessária. Desta forma, molda-se a criança, para se tornar um sujeito de bem.
P5	Facultativa ou não, é necessária sim. Pois contribui para a formação da personalidade do aluno e da consolidação dos valores para viver em sociedade.

Quando abordou-se a questão da educação ser necessária ou não devido ser facultativa, todos os entrevistados responderam que é necessária, pois através dela, é que forma e consolida-se a personalidade da criança. Que ela dá continuidade aos valores impostos pela família, que trata-se da formação do caráter do aluno e que consolida os valores para se viver em sociedade.

A escola, deve trabalhar a educação religiosa; pois “ O desenvolvimento moral da criança se dá de forma conjunta ao desenvolvimento lógico dela e o seu processo de adaptação ao meio e as regras. A sua construção cognitiva associada a sua acomodação com o meio. (PIAGET, 1994, p. 162)

Mediante o exposto, a necessidade de desenvolvimento da autonomia e compreensão do que seja valor, e dos níveis que ele abrange no comportamento humano, a ética e moral, buscada em benefício da educação, resgata valores importantes e muito raros nos dias atuais. Sem estas, o sujeito tem a ausência de caráter. A seguir, a pergunta sobre como a escola lida com a laicidade no Brasil.

Quadro 08- Sabe-se que o Brasil é um país laico, onde não há uma religião oficial. Como a escola lida com as diferenças religiosas? **Fonte:** Professores da EMEI Profa. Irene Brelaz, Jacareacanga-Pará/2018

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	De forma natural. Mostrando que as religiões são coisas boas na vida da gente quando há respeito.
P2	O Brasil laico só vem fortalecer o ensino, pois nos instiga a valorizar todas as religiões vigentes.
P3	Trabalha-se a religião de forma em geral, na formação dos valores éticos e morais do sujeito, além do caráter do ser humano.
P4	Trabalhamos sem mencionar religião A ou B.
P5	O país não tem uma religião oficial, mas isso não impede de contribuir com os conhecimentos religiosos para os nossos alunos.

Quando questionados sobre a interferência ou não da laicidade do Brasil em aulas de educação religiosa, os entrevistados afirmaram que trabalham a religião de forma natural, que as religiões são coisas boas na vida da gente, quando há o respeito devido. Outro afirma que a laicidade do Brasil só vem a fortalecer o ensino, pois ajuda a respeitar as religiões.

Há quem afirme que trabalha-se de forma em geral, na formação de valores éticos e morais, e do caráter humano; e sem mencionar religiões. Como também nada impede do Brasil ser laico e os ensinamentos contribuírem com os alunos. Assim, “Ética é conjunto de regras e valores aos quais se submetem aos fatos e as ações humanas, para apreciá-los e distingui-los; moral. (LUFT, 2005, p. 358). Portanto, a religião deve ser algo necessário, mesmo que não seja oficializada no país.

Assim, a ética se caracteriza como a ciência que investiga a moral. Não encontramos na ética uma norma de ação para cada situação concreta. O problema de como agir de maneira a que a sua conduta seja boa, ou seja, moralmente valiosa pertence à moral. A ética, diferentemente, preocupa-se com problemas gerais de caráter teórico, como definir a essência da moral, sua origem.

O conceito ético que deve estar eminente nas relações educacionais, tende a levar as pessoas a buscarem acumular bens, independente dos meios utilizados, tornando-se individualistas na realização do seu trabalho. A ética é um princípio que devemos fazer uso no cotidiano, não importando a situação.

Prosseguindo, perguntou o que sustenta a religião de uma criança na escola.

Quadro 09- Do seu ponto de vista, o que sustenta a religião de uma criança na escola? **Fonte:** Professores da EMEI Profa. Irene Brelaz, Jacareacanga- Pará/2018

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	A prática pedagógica do professor que trabalha o ensino religioso sem mencionar religiões.
P2	A educação que traz de pais. E na escola a gente só complementa
P3	A educação que lhe é repassada.
P4	A forma de ver a escola como um lugar que só agrada e dá prazer, que trabalha a religião de forma respeitosa.
P5	O jeito da criança aprender. Pois religião é algo que religa esta criança a outra coisa. E até a educação é religião, quando é transmitida com prazer e concebida com encanto.

Os professores entrevistados responderam que o que sustenta a religião de uma criança na escola, é a prática do professor ao trabalhar a religião; outro afirma que educação que esta traz dos pais; que a própria religião que é repassada; a forma de ver a escola como lugar agradável e que dá prazer, que trabalha a religião de forma respeitosa. E finalmente o jeito da criança aprender; que religião é algo que religa esta criança a outra coisa e que até mesmo a educação é religião quando transmitida e concebida com prazer.

Quando trata-se religião em si, percebe-se que “Diversos são os valores, entre eles os econômicos, vitais, lógicos, éticos, estéticos, religiosos, abraçando todos os níveis da vivência humana, o que nos leva a concluir que é impossível viver sem eles. (ARANHA, 1998, p.118). Diante disto, onde a busca pelo transcendente, através da religião é evidente, busca-se o fortalecimento da criatura humana através do ser supremo, com crises entre religiões e ou falta de aceitação das crenças do “outro”, é importante que a escola como seguimento social venha trabalhar este aspecto do ser humano, para que o respeito à religiosidade do outro seja aceita e respeitada.

Portanto, esta sustentação religiosa só poderá ocorrer, se a escola intervir através do ensino religioso, de forma eclética e duradoura. Infelizmente as ditas religiões e correntes espirituais não libertam, mas aprisionam o homem em duras cadeias. É que a natureza divina varia de acordo com a necessidade daqueles que a adoram e isto deve ser trabalho tanto na família quanto na escola. .

3.5- PROPOSTAS CONTRIBUENTES

De acordo com a investigação, há a necessidade de sugestão de propostas que venham contribuir com o ensino da religião na escola, especificamente na educação, o início de toda a educação escolar.

Em todos os momentos da sociedade, a religião é ou não aceita de uma ou outra forma, e a moral não é apenas algo superficial, mas que faz o homem sobreviver de forma digna. Desta forma, acredita que “a escola deve educar seus filhos para a vida, extraindo da fraqueza a força, do desespero a esperança, das lágrimas o sorriso e dos fracassos a sabedoria”. (CURY, 2003, p 155). O autor afirma que a religião, através da escola, trabalhar aspectos diversos para que o ser humano encontre sua plenitude.

Assim, a religião deveria ser ensinada em casa, pelos pais, e praticada no seio das comunidades, mesmo com suas diferenças. E, nas escolas públicas, deveria prevalecer a discussão de princípios éticos, comuns a todas as pessoas, sejam elas ligadas ou não a crenças religiosas. Só assim poder-se ia pleitear uma sociedade mais justa e tolerante. Sem trilhar o caminho contrário, de repressão, do contrário e da desumanidade.

Por isso, na escola pesquisada, é preciso que os professores, de forma especial:

- Elaborem e desenvolvam projetos que incluam os pais em atividades religiosas na escola.
- Trabalhar de forma coletiva a educação religiosa, rimando pela subjetividade do aluno.
- Utilizar estratégias sem discriminar credos religiosos, a fim de respeitar as diversidades existentes em sala de aula.
- Proporcionar eventos em educação religiosa, que englobem todas as faixas etárias de alunos, de forma descontraída.

Assim, a educação religiosa na educação infantil, terá espaços para trabalhar- se o comportamento e ética do sujeito diante da sociedade e tende a contribuir com os valores morais, ora ou não, concebidos pela família através da educação sistematizada; considerando que a religião pode ser a norteadora da ética e da moral humana.

CONCLUSÃO

O presente trabalho, que abordou o ensino religioso na formação da ética e da moral na educação infantil, através de uma análise na EMEI profa. Irene Brelaz em Jacareacanga no Pará, vem afirmar que é uma disciplina necessária, apesar de facultativa. Ocorreu através de um estudo bibliográfico e pesquisa de campo de cunho qualitativo, esta ocorreu em junho de 2018, com cinco professores da educação infantil.

Os investigados afirmam quando questionados sobre o que é a educação infantil, foram enfáticos ao afirmar que o ensino religioso é a peça principal para a formação da ética e da moral humana e contribui para o comportamento e para o caráter das pessoas.

Afirmam, quando questionados sobre a experiência de trabalhar a educação religiosa, que é uma experiência excelente, pois trabalha-se a formação do ser humano; e isto, está ligado ao fato de trabalhar metodologias atraentes e encantadoras com as crianças, como cantigas, estorinhas, uso da bíblia e fábulas, que buscam ensinar as boas ações, a generosidade, o respeito ao próximo; como também não ter preconceito à religião do outro.

Sobre o Brasil não ter uma religião oficial, disseram também que a laicidade do Brasil não impede que o ensino religioso seja trabalhado na escola, já que não trata-se de religiões específicas; mas sim, de valores trabalhados de forma em geral, para a formação da personalidade e do comportamento do aluno.

Ao serem interrogados sobre a questão curricular e o ensino religioso, explicaram que se faz necessário, pois o que também sustenta a religião das crianças, é a forma como é trabalhada sem discriminação e preconceitos; e sem rotular as famílias por seus credos; já que muitas famílias utilizam-se desta questão para justificar sua ausência na escola de seus filhos.

Portanto, o ensino religioso é importante sim, para a formação dos valores éticos e morais das crianças, e esta educação inicia-se no ambiente familiar, é consolidada através da escola, onde são adequados à educação formal.

REFERENCIAS

ALMEIDA, L. R. (2000). WALLON e a educação. In A. A. Mahoney, & L. R. Almeida (Orgs.), Henri Wallon: **Psicologia e Educação** (pp.71-87). São Paulo: Loyola.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria. Helena Pires. Temas de Filosofia. São Paulo: Moderna, 1998.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. **Parâmetros curriculares nacionais: O papel da escola no século XXI**. Curitiba: Bella Escola, v. 3, 2002.

BRASIL. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação- LDB**. Lei 9394/96.

CAETANO, M.. "Ensino Religioso". Revista Pátio. Porto Alegre, RS: Artmed Editora, ano IV, n. 16.2006

CANDAU, Vera Maria (Org.). **A didática em questão**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

CURY, Augusto Jorge, 1958. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FACUNDES, Márcia Botelho. **Aprendendo valores éticos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FIGUEIREDO, Anísia de Paulo. **Ensino religioso: perspectivas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**/ Paulo Freire – São Paulo: Paz e Terra. 1996 (Coleção Leitura).

JUNIOR, H. A. Silva, **Liberdade de crença como limite à regulamentação do ensino religioso**. Tese (Doutorado). São Paulo. Faculdade de Direito? PUC, de São Paulo, 2003

IZQUIERDO, Moreno Ciríaco. **Educar em valores**, trad. Maria Luiza Garcia Prada. São Paulo: Paulinas, 2001 (Coleção Ética e Valores).

HESSEN, J. "**Filosofia dos valores**". Coimbra: Almedina, 2001.

LOPES, P. "Ensino Religioso na Escola". Saraiva.São Paulo, 211

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário escolar da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ática, 2005.

MACIEL. J.E. **"O Ensino religioso nas escolas públicas brasileiras"** Revista Libertas: Estudos em Direito, Estado e Religião, SP: CULTRIX, 2008

MARQUES, R. **Professores, família e projecto educativo**. Porto, PT: Asa Editores, 2015

MACEDO, Cármem Cinira. **Imagem do eterno: religiões do Brasil**. São Paulo: Moderna, 1989.

MONTE, CARMO E SANTOS. "O papel da doutrinação no processo educacional à luz do contexto das décadas de 1980 e 1990". In: Acta Científica: Ciências Humanas. 2015

OLIVEIRA, Z. M. R. (2000). **Interações sociais e desenvolvimento: A perspectiva sociohistórica**. Caderno do CEDES, 20, 62-77.

PIAGET. Jean. **Seis estudos de psicologia**. Editora Fontes, 1994

ANEXOS



FACULDADE DE ITAITUBA- FAI

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Este questionário faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso- TCC intitulado **“O Ensino Religioso na Formação da Ética e da Moral na Educação Infantil”**, com análise de professores da Escola municipal de Educação Infantil profa. Irene Brelaz, em Jacareacanga- Pará.

Questionário Para os Professores.

Identificação:

*Sexo () Feminino () Masculino

*Idade: _____

*Graduação: _____

*Pós-graduação: _____

*Tempo de trabalho nesta escola: () 0 a 5 anos () 6 a 10 anos () 0 mais de 10 anos

*Tempo de trabalho em outro estabelecimento de ensino: _____

1- Para você, o que é a educação religiosa na escola?.

2- Fale sobre sua experiência de trabalhar a educação religiosa na escola?

3- Quais metodologias você utiliza para ministrar a educação religiosa em sua sala de aula?

4- A educação religiosa proporciona a ética e a moral? Como isso acontece?

5- Do seu ponto de vista, quais os benefícios que a educação religiosa proporciona ao aluno?

6- A questão religião interfere na convivência dos pais na escola? Justifique a sua resposta.

7- Na escola, a educação religiosa é disciplina facultativa. Do seu ponto de vista, é importante ou desnecessária esta disciplina para o currículo do aluno, já que trabalha a ética e a moral?

8- Sabe-se que o Brasil é um país laico, onde não há uma religião oficial. Como a escola lida com as diferenças religiosas?

9- Do seu ponto de vista, o que sustenta a religião de uma criança na escola?

Obrigado!